

Espaços e ciberespaços dos jovens da periferia¹

Iano Flávio de Souza MAIA²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

No bairro do Guarapes, periferia oeste de Natal, RN, um grupo de jovens se organizou na cultura hip hop para buscar a paz em sua vizinhança. Para contar suas histórias e fortalecer a organização do seu próprio lugar, formaram a Posse de Hip Hop Lelo Melodia. Em 2009, instalaram a “Bodega Digital”, uma espécie de telecentro que dava acesso à internet e fornecia outras ferramentas de produção cultural e midiática. Em nossa pesquisa de mestrado, buscamos traçar relações entre a ação político cultural dos jovens da Posse e sua participação nos espaços midiáticos, especialmente na internet. Neste artigo, exploramos algumas das estratégias adotadas por eles para burlar bloqueios surgidos em seus movimentos entre as ruas e o ciberespaço.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Juventudes; hip hop; Internet; Periferia.

A conquista da pesquisa

De um lado, um jovem pesquisador, há muito frequentador do ciberespaço em seu computador pessoal. Do outro, um grupo de jovens de um bairro da periferia que precisaram travar uma série de batalhas para dominar uma precária janela no território cibernético da internet. Nos cadernos o jovem pesquisador levava uma pergunta: como aqueles jovens se relacionavam com os elementos midiáticos da internet e como isso teria reflexos nas suas práticas midiáticas cotidianas e na produção cultural do hip hop. Respostas que não seriam fáceis de conseguir.

Todo esse movimento se deu durante a nossa pesquisa de mestrado (MAIA, 2011), entre 2010 e 2011 no Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia da UFRN. O grupo de jovens em questão era a Posse de Hip Hop Lelo Melodia (PH2LM), criado em 2005 para aglutinar iniciativas anteriores no Bairro do Guarapes, zona oeste de Natal, RN. A partir de 2007, o grupo desenvolveu uma série de iniciativas que buscavam garantir o acesso da população aos computadores e à internet. Além disso, pretendiam qualificar o espaço para a produção de conteúdos musicais e audiovisuais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista da TV Universitária do RN, Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009), associado ao Interozoes - Coletivo Brasil de Comunicação Social, email: ianoflavio@gmail.com

Em 2009, a PH2LM aprovou, através de editais públicos, a instalação de um ponto de cultura que, além do acesso aos computadores e à internet, seria equipado com instrumentos para produção musical e produção audiovisual. O nome do espaço: “Bodega Digital”. Este, acreditávamos, seria o local ideal para encontrar as respostas à nossa pergunta de pesquisa.

Naquele momento, a inclusão digital de comunidades carentes ganhava lugar privilegiado no discurso político do poder público e de entidades não governamentais, o que terminou por converter-se em ações pulverizadas por todo o país. O acesso à rede mundial de computadores passou a ser uma questão indispensável à cidadania com o lançamento, em 2010, do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), que tem como objetivo de expandir a infraestrutura de rede e popularizar o acesso à internet.

O bairro do Guarapes seria um espaço ideal para a implantação das ações do PNBL. Situado na zona oeste de Natal, com uma população de 10,2 mil habitantes e uma infraestrutura básica precária inclusive nos serviços básicos de saúde e educação, a região não atraiu os interesses das operadoras de telecomunicações. Não há infraestrutura de internet, algumas operadoras de telefonia celular nem mesmo garantem sinal para a localidade. O acesso à internet é prestado de forma precária por uma empresa de outro bairro que redistribui o sinal por antenas de rádio. A velocidade de acesso é muito baixa, ao contrário dos preços cobrados pelo serviço.

São poucas as residências que possuem computadores, menos ainda as que podem conectá-los à internet. Havia um telecentro público de acesso, mas os computadores foram roubados recentemente e as limitações impostas pelo programa de inclusão digital, mantido pela prefeitura, afastavam os usuários da rede, que preferiam pagar pelo acesso em uma das *lan houses* do bairro.

As dificuldades de conexão também dificultaram a implantação do telecentro da PH2LM. A solução veio do programa Gesac, que provê conexão à internet via satélite, mas os tempos conectados não durariam muito. Obrigada a mudar de endereço para não pagar mais aluguel, a “Bodega Digital” pagou o preço de ficar desconectada, já que o programa Gesac não permitiu a mudança e desligou os equipamentos. Desconectados, os jovens buscaram suas saídas para o ciberespaço. Restava ao pesquisador, dar outro jeito de responder aos seus questionamentos.

Era preciso descobrir metodologias que nos permitissem observar as práticas midiáticas cotidianas, compreendidas como os usos que os jovens do grupo fazem, de

forma individual ou coletiva, das mídias presentes no seu dia a dia. Sejam os meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão, sejam os usos midiáticos da internet, ou mesmo os usos relacionados à mídia, como o consumo de música e filmes em Cds e DVDs.

Interessava-nos desvendar o que esses jovens levam da rua ao ciberespaço e, na via inversa, como trazem à rua o que conquistam por lá. Pois, como bem lembrado por Canclini, “as redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado a distância, ou, talvez imaginá-lo” (CANCLINI, 2008, p. 54).

Buscávamos redescobrir o que mudara nos modos da juventude. E mais ainda, qual seria a extensão dessas mudanças em um contexto de marginalização e exclusão em que vivem populações inteiras nas periferias das cidades, dos países, da economia e mesmo dos direitos fundamentais. Tal compreensão é essencial para que se pensem e executem políticas públicas que dialoguem efetivamente com a realidade e façam frente às necessidades concretas dos cidadãos.

Assumimos então, que não poderíamos entender os movimentos da juventude midiaticizada se somente buscássemos as respostas na própria mídia, ou se assumíssemos discursos paternalistas que negassem a capacidade cidadã dos indivíduos. Reconhecemos o novo posicionamento do conceito de comunicação na compreensão do fenômeno midiático, que deixou de ser assunto exclusivo da cultura, pois a economia e a política estão diretamente envolvidas no que se produz (Martin-Barbero, 2004).

Assim, traçaríamos os rumos da nossa pesquisa de campo em busca da relação entre a participação dos jovens no espaço midiático e virtual da internet e a sua produção político-cultural no movimento do *hip hop*. Seriam três abordagens: 1) o cotidiano midiático nos apontaria onde e como estes jovens participavam da internet; 2) as concepções produzidas pelos jovens sobre a rede poderiam nos indicar as apropriações e bloqueios que enfrentam no acesso à internet; e 3) buscaríamos influências da internet na atuação dos jovens no cotidiano da comunidade e do grupo em que participam.

Uma pesquisa com coordenadas precisas para a observação do panorama global das políticas públicas de comunicação. Políticas cujas propostas, por mais globalizantes que sejam, se materializam somente no plano local, no cotidiano. “Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro (SILVERSTONE, 2002, p. 20).

Rumos Metodológicos

A articulação coerente dos nossos objetivos e sua tradução em metodologias de pesquisa não seguiriam caminhos fáceis. Além do espaço desconectado da “Bodega Digital”, a irregularidade dos repasses dos recursos para a realização das oficinas levou a PH2LM a um momento de desarticulação. Mesmo com a ajuda de alguns participantes do grupo, não seria possível articular os três espaços que consideramos fundamentais para responder ao nosso objetivo principal – a própria Posse, o cotidiano midiático dos jovens e a interação ciberespacial na internet – seja ela concretizada na *lan house* ou em outro espaço público ou privado de acesso.

A ideia inicial de assumir o papel de observador participante, compreendendo os limites deste papel (TRAVANCAS, 2005), cumpriria o papel de mergulhar no cotidiano da comunidade em busca de uma maior acuidade na percepção das relações e estruturas ali presentes. Aproveitando os poucos espaços de interação que se mantiveram no então contexto da Posse, identificaríamos personagens-chave que nos ajudariam a responder às nossas perguntas, o que nos guiaria a uma mudança de relação com o objeto de estudo. Entendemos que uma pesquisa não pode assujeitar todo um grupo vivo e pulsante para fazê-lo caber no papel de objeto e reconhecemos a complexidade subjetiva dos nossos atores de pesquisa (PERUZZO, 2005).

Para alcançar os objetivos a que nos propomos, adotariamos ainda uma série de ferramentas e conceitos provenientes da Antropologia, como a prática da descrição densa da etnografia (GEERTZ, 1989). Assim, nossa observação começaria muito antes da chegada à Bodega Digital. O trajeto de ônibus; a cidade que se transforma ao longo do caminho; as pessoas que se deslocam já nos contavam muito sobre o que encontraríamos por lá. A casa onde fica a Bodega, a organização dos móveis e equipamentos, os atores principais e os figurantes, a cena e o *mise-en-scène* também ajudariam a apontar as direções aonde seguir. Este, no entanto, é importante salientar, não foi um estudo etnográfico. Seja por compreendermos que não seria adequado aos nossos objetivos, seja pelas impossibilidades já elencadas para a pesquisa de campo.

Dadas as dificuldades da pesquisa com o grupo, seguimos em busca de alternativas metodológicas que nos oferecessem possibilidades de continuar a busca pelos mesmos objetivos de pesquisa e transitassem, minimamente, pelos mesmos espaços que

intencionávamos observar. Eram eles, o próprio grupo e sua Bodega Digital, os usos que faziam da Internet (seja os espaço onde acessavam o ciberespaço e o que faziam pelo mundo virtual) e, por fim, o cotidiano midiático geral, onde verificaríamos como se encaixava a internet em meio às diversas outras mídias.

Optaríamos, então, por adensar nossas temáticas de pesquisa através de entrevistas aprofundadas e encontramos na técnica da Entrevista Episódica (FLICK, 2008), um mecanismo para alcançar os espaços onde não pudemos, efetivamente, transitar. O método foi desenvolvido para analisar o impacto das mudanças tecnológicas na vida cotidiana, um objetivo que dialoga com nossa proposta.

Definido o roteiro e já iniciadas as primeiras observações, trataríamos de mapear nossos possíveis entrevistados. Focaríamos nos jovens mais atuantes no grupo no momento da nossa pesquisa e, traçaríamos como meta, conversar com jovens que representassem os múltiplos grupos que se formaram dentro da Posse. Os Djs e produtores musicais, os grafiteiros, os dançarinos e os atuantes politicamente, com os mais antigos e os mais recentes no grupo.

Afinal, seis jovens cumpriam os requisitos imaginados. Desses, quatro deles (Preto, Afro, Rafa e Dina) nos apoiaram em entrevistas exploratórias – fundamentais não apenas para angariar informações sobre o grupo e sua atuação, mas também para ganhar legitimidade e conseguir acesso para realizar a pesquisa – e atuaram como informantes internos ao grupo ao longo de todo o trabalho de pesquisa. Três deles (Dina não pôde participar) e ainda outros dois jovens (Binho e Zezão) participaram da entrevista episódica. Além disso Preto, Zezão e Dina nos trouxeram informações históricas e políticas sobre a formação e a atuação da Posse. As Entrevistas seriam realizadas, em sua maioria, na própria Bodega Digital, entre os dias 27 de abril e 20 de maio de 2011.

A Mdiatização do dia a dia

Mesmo com a experiência do telecentro de acesso à internet da Posse de Hip Hop Lelo Melodia, para muitos jovens e adultos do Guarapes, o mundo real ainda acaba onde as pernas alcançam. Para alguns mais afortunados, o limite vai até o ponto final da linha de ônibus nº 59, na Praia do Forte, passando pelo centro da cidade de Natal, RN. A mídia surge, para muitos deles, como única saída para a expansão dos limites reais e das fronteiras

simbólicas. E se, do lado de cá, a mídia assume grande relevância no cotidiano dos cidadãos detentores de direitos que estão acessíveis para os moradores do Guarapes, o cotidiano midiático torna-se muito maior e pode ser, minimamente, uma das possibilidades de exercer um pouco de sua cidadania, com o direito de se informar e, com o acesso à internet, o poder de exercer também o direito de se comunicar.

Por isso, deslocamos o eixo do debate dos meios às mediações na análise dos processos de comunicação para compreender a articulação entre práticas de comunicação nos movimentos sociais e as diferentes temporalidades e matrizes culturais envolvidas (MARTIN-BARBERO, 1997). Não qualificamos os consumidores pelos produtos midiáticos que escolhem pelo distanciamento do uso que se faz deles (CERTEAU, 1999) dada a extensão do processo midiático para além do ponto de contato entre seus textos e os leitores/expectadores (SILVERSTONE, 2002).

No Guarapes, os usos midiáticos parecem ainda mais extensos. Uma rápida sessão de internet, por exemplo, pode se estender por meses dentro de um *pendrive* ou um tocador de músicas digitais. A televisão, na maioria das casas, vai muito longe através dos satélites, mas não alcança o bairro ao lado no noticiário local. As notícias do Guarapes se constroem na rua, um noticiário é exibido em cada esquina, na barraca de tapiocas ou na padaria.

Uma dinâmica que Silverstone (2002) chama de mediação e que trata da transformação de sentidos dos textos midiáticos e para-midiáticos em suas diversas linguagens e que nós, individual ou coletivamente, colaboramos para escrevê-los. Assumimos aqui que o *medium* não é apenas o dispositivo técnico, e sim o seu acoplamento a um fluxo comunicacional socialmente produzido. A midiatização assume papel central na vida cotidiana das pessoas e modifica seus modos de estar no mundo (SODRÉ, 2009).

Os jovens do Guarapes, apesar de encontrarem obstáculos maiores para conseguir inserção nos processos comunicacionais contemporâneos, já não podem mais prescindir do acesso às redes e tecnologias de comunicação sob pena de não conseguirem conectar-se a outros processos de mediação, como a educação formal, o mercado de trabalho e, mais importante, todas as articulações em rede que fazem no movimento local, regional e nacional do Hip Hop e nos debates das políticas de juventude.

Na sociedade contemporânea, a constituição da esfera pública de debates passa a depender cada vez mais dos processos midiáticos (HABERMAS, 1974; FRASER, 1990; GOMES, 2006) e torna-se fundamental aos cidadãos tomarem parte nessa conversação. Além de ter o direito de se informar, o cidadão deve ter a possibilidade e a capacidade de se

comunicar, de transmitir informações, de fazer-se ouvir. A disseminação da internet traz possibilidades de democratização desse debate e tem potencial para transformar-se, ela própria, em uma esfera pública, compreendida aqui como a própria conversa, ou diálogo e intercâmbio de ideias (GOMES, 2006).

Barreiras e brechas ao ciberespaço

A partir dos dados coletados nas entrevistas e observações com os jovens do Guarapes pudemos desenhar um panorama geral sobre as práticas midiáticas cotidianas de cada um deles. Até aqui, poucas surpresas: eles leem pouco no papel, raramente têm acesso a livros e veículos de comunicação impressos; a televisão está por perto ao longo de todo o dia e é o principal canal de comunicação com o mundo para a maior parte deles; a internet já entrou no cotidiano da maior parte deles, ainda que o acesso seja precário, feito principalmente na *lan house* a um custo muito elevado em relação à qualidade do serviço.

Também não nos surpreendeu a frequência de acesso desses jovens às redes sociais, principalmente o *Orkut* e o *Facebook*, e aos mensageiros instantâneos, principalmente o MSN. A novidade está na forma como atuam nesses espaços. Ao contrário dos discursos preconceituosos, que criticam uma suposta ausência de objetivos nos usos dessas ferramentas e cobram um uso mais produtivista da internet (para que possam alcançar o mercado de trabalho?), os jovens do Guarapes sabem bem o que vão buscar por lá.

Cada um deles, em sua rede social virtual, produz intensos intercâmbios com o movimento do *hip hop* local, regional e nacional. Por lá são produzidos debates sobre as políticas para a juventude e ainda são conquistados novos territórios culturais na busca por referências para suas músicas, danças, grafites. Circulam pelas periferias dos Estados Unidos, Jamaica e por todo o continente Africano. A rede tornou-se uma janela para olhar para o mundo e descobrir-se a si mesmo, como propunha Giddens (1997) e Canclini (2008).

A televisão não resiste incólume. De controle remoto em punho, os jovens percebem que a troca de canais traz uma variação de pontos de vista, mas que cada uma dessas variações está alinhada aos interesses dos donos de cada emissora. Os jovens também não engolem o tratamento dispensado à periferia na cobertura dos telejornais diários. Eles sabem, por mais distantes que estejam, que as favelas do Rio de Janeiro e os bairros pobres

de São Paulo não são celeiros de criminalidade ou a origem de toda a violência, pois sentem na pele o mesmo estigma estimulado pela mídia local.

Para alguns, a saída é o botão de desligar. Desistir da televisão e apostar apenas na internet para conseguir informação e entretenimento já foi a escolha de alguns desses jovens, mesmo que o acesso seja irregular. Para outros, a alternativa está na troca de canais, em busca de pontos de vista pluralizados e mais democráticos. Das antenas parabólicas, surgem os raros exemplos de emissoras públicas como a TV Cultura e a TV Brasil – fundamentais para o processo de democratização da comunicação no Brasil, mas ainda muito frágeis, pouco valorizadas e assistidas.

Há ainda a saída pela multimídia, com a conexão de um aparelho de DVD que provê acesso a filmes, vídeos e músicas que não passariam em nenhuma emissora de televisão ou rádio. Por fim, há quem opte por não pressionar nenhum botão. Eles permanecem ligados na tela, de olho nos pontos de vista enviesados, prontos para reinventar, retrabalhar e desconstruir as informações que obtiveram de uma fonte que, há tempos, descobriu-se não ser muito confiável.

A internet, para todos eles, representou a libertação na escolha dos conteúdos. O teclado numérico do controle remoto dá lugar ao teclado alfanumérico do computador. Muito mais teclas, muitas possibilidades. Com a busca do *Google*, eles fazem a programação, na hora que for mais conveniente, em busca de seu próprio ponto de vista, já que na internet é possível encontrar muitas opiniões diferentes e, melhor, discordar de todas elas.

Se a atuação política dos jovens da Posse reinventa as possibilidades da política tradicional e ocupa espaços onde esta não alcançaria, estas reinvenções são também refletidas no cotidiano midiático de cada um deles, seja na televisão, seja no ciberespaço. Se não podem aceitar a realidade onde vivem e atuam para transformá-la, da mesma maneira e com táticas semelhantes, questionam a mídia que lhes é oferecida e buscam alternativas onde quer que as brechas apareçam.

Para navegar no ciberespaço, cada um deles desenvolveu uma dinâmica específica que se adapta ao local em que acessam, ao tempo que têm disponível (o que pode variar de acordo com o dinheiro que tem reservado). A velocidade da conexão também determina o que podem, o que não podem e o quanto podem fazer de cada vez. Cada um deles também desenvolveu hábitos peculiares de uso, que terminam por definir o seu cotidiano ciberespacial.

O pedágio cobrado aos jovens para a chegada ao ciberespaço parece ser contraditório com os princípios da sua estruturação. A nova ecologia das mídias que estaria em formação nas bordas do ciberespaço (Levy, 1999) só conseguiria levá-los a uma experiência de inteligência coletiva, fossem menores as barreiras. Levy lembra ainda que, por trás das técnicas e tecnologias, encontram-se todos os mecanismos que movem a sociedade, inclusive os da exclusão, seja por interesses econômicos ou por estratégias de poder.

A rede não ocupa um tempo significativo para a maioria dos nossos entrevistados. Com exceção de Preto, os outros jovens passam cerca de uma a duas horas diárias na internet, sendo que Rafa só tem conseguido ficar conectado por duas a três horas por mês. No nosso grupo, Preto tem internet no trabalho, Zezão e Binho acessam de casa e Afro e Rafa usam a *lan house*. Para Preto e Binho, a *lan house* é a segunda opção no acesso e volta a ser a primeira, caso Preto saia do trabalho ou Binho não possa mais pagar a conexão em casa.

Esta é a primeira barreira enfrentada pelos nossos jovens. Mesmo com a conexão em casa, Binho não sabe por quanto tempo poderá pagar pelo serviço, além do mais, sem fiscalização, é comum que a conexão falhe e o serviço demore dias para ser restabelecido. Para Preto, o limite da conexão é o contrato de trabalho, que já tem data para acabar. Depois disso, volta para a *lan house* com todos os problemas enfrentados por Rafa e Afro, como a conexão lenta e instável e o preço, nem sempre acessível. Com este cenário, a internet está bem longe de se constituir enquanto uma esfera pública por aqui. Para isso, é preciso pensar políticas que garantam o acesso à rede para todos os cidadãos, requisito fundamental conforme proposta de Habermas (1974).

No caso de Rafa, ficar desempregado significou também, transformar toda a sua rotina no ciberespaço. Se antes ele sabia quando e por quanto tempo poderia usar, hoje não tem nenhuma regularidade no uso. Uma vez que vai a *lan house*, não sabe quando poderá ir novamente. Além do mais, com a internet lenta, não consegue ter acesso aos conteúdos que mais precisa, como músicas e vídeos. O que contribui ainda mais para que a internet deixe de ser prioridade. No caso de Afro, o dilema está entre a internet e o celular, dois meios fundamentais para o seu dia a dia. O celular vence algumas vezes.

Zezão, com a situação mais confortável em relação à internet, não se preocupa com as dificuldades de acesso e sim com a segurança na internet, principalmente para a sua filha

de onze anos. Por ela, ele também se preocupa com o uso que faz da internet e com as possibilidades de cópia e cola na hora de fazer os trabalhos escolares.

Vírus e outras fraudes na rede também preocupam os jovens. Mesmo que não usem com tanta frequência, muitos deles já foram atacados por vírus no *pendrive*, no computador ou nas redes sociais. A falta de prática e as dificuldades de domínio das ferramentas podem gerar problemas mais sérios, como foi o caso do computador da Posse que teve que ser formatado por causa de um vírus da internet ou no caso de Rafa que foi enganado em um *site* de vendas pela internet e perdeu dinheiro.

Se os problemas do dia a dia aparecem com clareza, há uma outra espécie de bloqueio que se apresenta sutilmente cada vez que os jovens se conectam. A frequente dobradinha Orkut + MSN dão mostras de quão significativo é o domínio de grandes empresas sobre as informações que produzimos e acessamos na rede. Google e Microsoft, juntas, são muito maiores que as maiores economias do planeta e detêm um volume de informações incomensurável, o que pode tornar-se uma ameaça a direitos fundamentais como a privacidade, por exemplo.

A cada clique, a cada conexão operam potenciais mecanismos de controle que, se não castram a liberdade do internauta, podem limitar sua experiência e arbitrariamente, impedir seu acesso a serviços e redes aparentemente públicas e abertas – como o *Gmail*, *Hotmail*, *Orkut* ou *Facebook* –, mas que são, na verdade, espaços privados operados com interesses eminentemente comerciais.

Mesmo assim, os bloqueios da rede não são absolutos. Cada um dos nossos jovens encontra brechas importantes e conseguem navegar o ciberespaço de forma produtiva e conquistam terreno, ao mesmo tempo, no mundo virtual e no mundo concreto. As informações conquistadas na rede voltam ao cotidiano para produzir novas ideias que passam a demandar novas informações. Táticas que, como proposto por Certeau (1999), garantem a mobilidade desses jovens pelo ciberespaço e estão cada vez mais disseminadas globalmente e desancoradas de seus locais de origem.

Binho ilustra a questão ao mostrar o que mudou no seu dia a dia após a internet. Agora, segundo ele, está sempre em busca de novidades.

A mente da pessoa fica muito focada ali, você pesquisa mais, em mais conhecimento, acesso fácil a esse conhecimento [...]. Antes de conhecer a internet eu ficava em esquina, dava um desgosto por que num tinha nada pra fazer, como ao meio-dia, eu almoçava e ficava em casa, ou então ia pra esquina, era muito chato, agora ficou mais fácil (Binho, 27 anos).

Rafa acredita que, sem a internet, ainda não estaria cantando ou produzindo música. Sem a rede, ele sequer conheceria o rap da Jamaica, sua principal fonte de inspiração e suas mais fortes referências culturais. Zezão é outro que busca referências na rede para produzir sua arte. Pela rede, está com contato com grafiteiros do mundo inteiro e consegue seguir as tendências, os novos estilos, as novas tipografias. Além das referências artísticas, Zezão busca ainda referências para suas ações políticas, seus projetos profissionais. É a rede quem provê acesso a novas ideias sobre meio ambiente, associativismo e cooperativismo, e reciclagem de lixo para geração de renda, temas que têm norteado sua navegação ultimamente.

Para Afro, a rede é um espaço de comunicação, de libertação. Para ele, a internet serviu para fortalecer amizades, “a pessoa chegar junto”. Ele conta que, graças à rede, fez amizades com pessoas espalhadas pelo mundo e mesmo com pessoas que moram no próprio bairro. “Muita gente que mora aqui e nunca falou comigo, mas mandou convite. Fiquei até amigo por causa da internet”. As notícias da televisão também não são as mesmas depois da internet. Muitas delas deixam Afro com uma pulga atrás da orelha que só o deixa em paz depois de descobrir mais informações e reinterpretar os fatos. Com mais informação, ele desconfia do que antes era verdade e completa: “com a internet, só é burro quem quer”.

Afro credita à tecnologia muito mais do que ela pode lhe garantir. É um processo comum na juventude, segundo aponta Wolton (2003), quando deixam de reconhecer as desigualdades da rede por uma utopia igualitária. Esquecem, no entanto, que por trás da estruturação das redes, em geral, e da internet, existe uma produção cultural e um modelo social atrelados, processos muitas vezes excludentes, como os que eles já conhecem bem.

Preto foi mais longe. Se desde o seu primeiro acesso, explorava sua atuação política através da internet. Hoje, serve-se dela para articular nacionalmente, ganhar visibilidade e tornar-se referência nos temas da juventude. Visibilidade que o levou ao seu atual emprego em um *site* da internet, trabalho que, agora, pode levá-lo ao ensino superior, em uma área essencialmente ligada às redes, a comunicação social.

Seu trabalho de DJ também ganhou muito com a articulação virtual. Suas produções vão mais longe do que iriam pelas rotas reais, seus contatos não se submetem às limitações do mundo real e se realizam virtualmente. Além disso, conectado, Preto participa de forma atuante do movimento nacional do *Hip Hop* e consegue conectar todo o seu grupo ao levar e trazer informações e debates para turma da Posse que não anda tão conectada assim.

Para estes jovens, as conexões são limitadas, mas a consequências delas se estendem e ocupam cada vez mais espaço no cotidiano de cada um deles, individualmente ou em grupo. E, infelizmente, essas condições não são exclusivas de grupos como a Posse. Por todo o Brasil, seja em bairros periféricos, seja em bairros centrais, as possibilidades de comunicação são escassas, seja pela concentração nos meios de comunicação eletrônicos, como o rádio e a televisão, seja pelo monopólio das empresas de telefonia na disponibilização do acesso a internet a preços exorbitantes.

Por outro lado, as escassas políticas públicas desenhadas para o setor, transformam-se para atender os interesses econômicos das grandes operadoras de telefonia e terminam por desconectar-se da real necessidade da população. O exemplo mais recente é a Banda Larga Popular, a que se reduziu o Plano Nacional de Banda Larga, anunciado em 2010. A oferta de pacotes econômicos de internet é rejeitada por 44% da população, que não está disposta a pagar pelo custo dos pacotes. Na classe C, por exemplo, onde 76% das pessoas não têm acesso à internet por, principalmente, empecilho financeiro, 61% das pessoas não está disposta a pagar mais que R\$ 30 para ter internet em casa (Observatório, 2011). Os pacotes econômicos oferecidos pelas operadoras não devem sair por menos de R\$ 35.

Mesmo assim, a política do governo aponta para a individualização do acesso à internet, o que realizaria o sonho de muitos dos nossos jovens, mas esvaziaria espaços interessantes como a PH2LM. Ainda que o processo de comunicação estimule as interações virtuais, a experiência midiática não pode se reduzir a isso e é preciso estimular a criação de espaços para ações coletivas e para produção de comunicação interativa real.

Considerações finais

Estes são alguns dos resultados de uma pesquisa que parecia não ter fim quando começamos o mestrado. Terminada a etapa, a aparência se confirma e a dissertação resultou apenas em um singelo começo. Os dados da pesquisa revelam que, na ainda imatura democracia brasileira, a cena dedicada à comunicação está atrelada aos interesses e relações antigas e pouco democráticas. Isso se reflete em um cenário de desregulamentação que contribui fortemente para a manutenção do ambiente atual, concentrador e excludente. Cenário que tem um sintoma subjetivo nefasto: uma sociedade que não conhece o seu

direito à comunicação, reforçada por um Estado que não assume a missão de sua efetivação, produz cidadãos que não sabem que podem se comunicar.

E não é mais possível perpetuar essa situação, sob pena de, ainda mais, enfraquecer nossa democracia. A comunicação é um direito, e como tal, é fundamental para realização da plena cidadania, uma vez que contribui para a efetivação, inclusive, de direitos sociais e econômicos como a saúde, a educação e o trabalho dignos. Agora, quando toda a mídia converge para a internet, é preciso reforçar o coro de movimentos que lutam para garantir o reconhecimento do acesso à rede mundial de computadores como um direito fundamental. E se nem todos teremos condições de pagar por um direito, é função do Estado, com os recursos de toda a sociedade, pagar a conta e atuar para que a comunicação não caia na vala comum das mercadorias.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestór García. **Leitores, Espectadores e Internautas**. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

FLICK, Uwe. Entrevista Episódica. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som** : um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. In: **Social Text** N°. 25/26. Duke University Press, 1990. p. 56-80. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/466240>. Acesso em 25 de Abril de 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GOMES, Wilson. Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política. In: MAIA, Rousiley, CASTRO, Maria Céres P. S. **Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

_____. The Public Sphere: An Encyclopedia Article (1964). In: **New German Critique**, N° 3 (Outono, 1974). p. 49-55. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/487737>. Acesso em 25 de Abril de 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34: São Paulo, 1999

MAIA, Iano Flávio de Souza. **Dos hip hop ao ciberespaço**. Interações midiáticas em jovens da periferia (dissertação de mestrado). Natal, UFRN, 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações** – Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

_____. **Ofício de Cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

OBSERVATÓRIO do Direito à Comunicação. **Banda larga por R\$ 35,00 é rejeitada por 44% da população.** 13 de julho de 2011. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=8042. Acesso em 15 de agosto de 2011.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. **O telespectador frente à televisão.**: Uma exploração do processo da recepção televisiva. *Communicare: Revista de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero*, São Paulo, v. 1, n. 5, p.27-42, 2005. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/cip/communicare/5_1/pdf/04.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2009.

PERUZZO, CMK. Observação participante e pesquisa-ação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2005.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2005.

WOLTON, D. **Internet e Depois?** Porto Alegre: Sulina, 2003.